



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA**

**VIVÊNCIAS ENTRE QUATRO PAREDES: UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA  
DA HOMOFOBIA FAMILIAR**

**MARIA EMANUELE ALVES OLIVEIRA**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2022.1**

**MARIA EMANUELE ALVES OLIVEIRA**

**VIVÊNCIAS ENTRE QUATRO PAREDES: UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA  
DA HOMOFOBIA FAMILIAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia (CCBS/UFCG), em cumprimento às exigências para a obtenção do título de bacharel em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Anderson Scardua Oliveira.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2022**

**Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro**

O482v

Oliveira, Maria Emanuele Alves.

Vivências entre quatro paredes: uma revisão narrativa acerca da homofobia familiar / Maria Emanuele Alves Oliveira. – Campina Grande, PB, 2022.

34 f.

Trabalho de Conclusão de Curso - Artigo (Graduação em Psicologia) -  
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da  
Saúde.

Referências.

Orientador: Prof. Anderson Scardua Oliveira, Dr.

1. Homossexuais. 2. Homofobia familiar. 3.Revisão narrativa. I. Oliveira,  
Anderson Scardua Oliveira. (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2+ 612.6.057 (813.3)

**Responsabilidade técnica de catalogação:**

Jônatas Souza de Abreu, Bibliotecário documentalista, CRB 15-879

**MARIA EMANUELE ALVES OLIVEIRA**

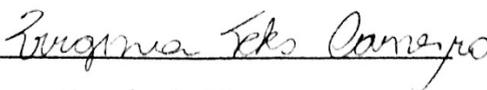
**VIVÊNCIAS ENTRE QUATRO PAREDES: UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA  
DA HOMOFOBIA FAMILIAR**

APROVADO EM: 15/12/2022

**BANCA EXAMINADORA**

Professor(a)  \_\_\_\_\_  
Orientador(a)

Professor(a)  \_\_\_\_\_  
Examinador(a)

Professor(a)  \_\_\_\_\_  
Examinador(a)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Anderson, por todo o apoio que me deu durante esse processo, toda a atenção, ajuda, companheirismo e paciência que fizeram de você um excelente orientador. Obrigada por ter aceitado embarcar nessa junto comigo, você fez toda a diferença.

Agradeço também a Layane, por ser a melhor irmã que alguém poderia ter, por toda a sua sensibilidade e por ter estado ao meu lado em todos os momentos. A Ellen, por ter sido minha melhor dupla durante todo o curso e por ter caminhado comigo nesse percurso. Obrigada por me entender tão bem e por sempre me ouvir e ter os melhores conselhos.

A Leo, que está tão longe mas ao mesmo tempo tão perto, a trajetória se torna melhor quando lembro tudo que fizemos para chegarmos até aqui. Nós conseguimos, não é? Você é um sobrevivente e eu te admiro muito, obrigada por todo apoio e incentivo. A Camila e Marlon, por todas as risadas e momentos que compartilhamos juntos. Eu amo vocês.

A Ingridy, por ter me mostrado o verdadeiro significado da palavra "família", nada disso teria sentido sem você, obrigada por me acompanhar nesse processo, por estar sempre comigo e por ter me incentivado nesta caminhada.

A Camilla de Melo, por ter me ajudado a compreender a beleza que existe em finalizar ciclos. Se estou aqui hoje, conseguindo finalizar mais um, é, principalmente, devido a tudo que trabalhamos juntas. Obrigada por ter resgatado o meu desejo em fazer parte deste mundo, você é uma profissional incrível.

E, por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles LGBT's que, assim como eu, vivenciaram práticas de homofobia familiar e, mesmo assim, não desistiram. Chegar até aqui não é uma vitória só minha, mas de todos que vieram antes de mim e de todos aqueles que virão depois. Se eu consegui chegar até aqui foi porque tive o apoio de pessoas tão importantes e espero que, em suas trajetórias, vocês também encontrem o apoio de que necessitam.

## RESUMO

A homofobia causa implicações e consequências na vida de quem a vivencia, podendo ocasionar danos duradouros aos homossexuais. Entretanto, há um subtipo de homofobia que ainda é invisibilizada, a homofobia familiar. Apesar de se falar de preconceito de família, há poucas pesquisas voltadas para o estudo desse tipo de homofobia. Sendo assim, o presente artigo trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa que utilizou artigos de pesquisas empíricas, realizadas com homossexuais, para verificar como a temática está sendo retratada na literatura. A partir dos descritores homofobia familiar e homofobia intrafamiliar, foram analisados 10 artigos empíricos encontrados nas seguintes bases de dados: Scielo, PepSic, BVS e Google Acadêmico. A análise objetivou discutir as seguintes categorias: como está sendo realizada a definição da homofobia e da homofobia familiar; quem são as pessoas descritas nas pesquisas; quais são as motivações e explicações apresentadas e quais as principais consequências. Como resultados, percebeu-se que ainda há uma necessidade de melhoria na caracterização dos sujeitos das pesquisas para uma melhor homogeneização dos dados e possível comparação entre grupos de sujeitos. Observou-se também que poucos estudos utilizam o conceito de homofobia familiar e as explicações apresentadas têm base, principalmente, na influência da heteronormatividade, misoginia e sexismo. Além disso, na prática da homofobia familiar imperaram situações de vigilância, coerção e controle dos corpos, podendo gerar questões como: busca pela independência financeira, expulsão de casa, ideação suicida, entre outras. Sendo assim, surgiram aspectos importantes para um aprofundamento da compreensão sobre o fenômeno da homofobia familiar.

**Palavras-chave:** homossexuais, homofobia familiar, revisão narrativa.

## ABSTRACT

Homophobia has implications and consequences in the lives of those who experience it, which can cause lasting damage to homosexuals. However, there is a subtype of homophobia that is still invisible, the familial homophobia. Despite talking about family prejudice, there is little research aimed at studying this type of homophobia. Therefore, this article is a qualitative study of narrative review that used empirical research articles, carried out with homosexuals, to verify how the theme is being portrayed in the literature. Considering the descriptors familial homophobia and intrafamilial homophobia, ten empirical articles found in the following databases were analyzed: Scielo, PepSic, BVS and Google Scholar. The analysis aimed to discuss the following categories: how homophobia and familial homophobia are being defined; who are the people described in the studies; what are the motivations and explanations presented and what are the main consequences. As a result, it was noticed that there is still a need for improvement in the characterization of the research subjects for a better homogenization of the data and to allow a possible comparison between groups of subjects. It was also observed that few studies use the concept of familial homophobia and the explanations given are mainly based on the influence of heteronormativity, misogyny and sexism. In addition, in the practice of familial homophobia, situations of surveillance, coercion and control of bodies prevailed, which can generate issues such as: search for financial independence, expulsion from home, suicidal ideation, among others. Therefore, important aspects emerged for a deeper understanding of the phenomenon of familial homophobia.

**Keywords:** homosexuals, familial homophobia, narrative review.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>15</b>
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>16</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços e das lutas pelos direitos LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e outras variações de gênero e orientação sexual existentes) nos últimos anos nas sociedades atuais, ainda é possível perceber um forte domínio da presença da heteronormatividade, onde as práticas heterossexuais são imensamente reforçadas através do discurso religioso, dos discursos televisivos, da linguagem médica e da instituição família que, normalmente, é marcada por relações monogâmicas heteroafetivas. Diante disso, através dos discursos hegemônicos, a heterossexualidade é tomada como norma. Sendo assim, os sujeitos que não se encaixam nessa norma, acabam ficando excluídos, no avesso da norma, considerados como anormais, perversos ou doentes (MONTEIRO, 2007), gerando assim, uma alta carga de sofrimento.

É perceptível, portanto, que a supervalorização de condutas heteronormativas acaba contribuindo para servir de combustível para as práticas homofóbicas que se apresentam por meio dos discursos, do mercado de trabalho, das instituições, da família e da política e isso acaba favorecendo a violência ou a permissão da mesma para com os homossexuais, podendo gerar também práticas de exclusão e negligência (CRUZ; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2019). Ou seja, a homofobia ainda é muito presente em nossa sociedade, entretanto, existe um tipo de homofobia muito vivenciada pelos homossexuais e pouco discutida na literatura que é a homofobia familiar, a qual será o objeto de estudo deste trabalho. Entretanto, antes de adentrar na temática principal da homofobia familiar, será apresentado um breve histórico acerca da homofobia geral e suas principais definições.

Em meados dos anos 1960 começaram a surgir movimentos sociais de defesa de categorias minoritárias, como o movimento negro e o movimento feminista. A partir disso, os homossexuais começaram a se organizar para entrar em pauta e discutir também questões relacionadas ao seu grupo, assim como, denunciar as práticas ofensivas do Estado e da comunidade em geral em relação a homossexualidade (FERNANDES, 2012). Portanto, é a partir dessa década que se começa a pensar na homossexualidade não mais como sinônimo de doença e pecado, mas sim como uma categoria política que sofre com os atravessamentos e com a violência do Estado e da sociedade e que precisa ser vista como tal.

Em relação à própria palavra “homofobia”, a literatura atribui duas referências acerca da criação deste termo, uma em 1971, inventada por K. T. Smith, onde o mesmo buscava identificar traços da pessoa que pratica a homofobia (BORRILLO, 2021) e outra em 1972

criada pelo psicólogo clínico George Weinberg em referência a um conjunto de atitudes e sentimentos negativos para com os homossexuais (JUNQUEIRA, 2012). Entretanto, desde o surgimento deste termo, o mesmo já passou por diversas ressignificações, deixando de ser visto apenas no âmbito individual e intrapsicológico para ser utilizado também em situações de preconceito, discriminação, violência e vigilância contra homossexuais (PRADO, 2021) pois, embora o fator principal seja o ódio e a rejeição de gays e lésbicas, a homofobia não se reduz apenas à essa perspectiva individualizante (BORRILLO, 2021).

Como definição, pode-se destacar a de Borrillo (2021, p. 34) que parte do princípio de que a homofobia se trata da “hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo”. Além disso, o autor também retrata que a homofobia é uma forma de violência do tipo simbólica pois, na maior parte das vezes, não é reconhecida por suas vítimas. Ainda segundo Borrillo (2021), existem dois tipos de homofobia; a homofobia irracional que caracteriza-se por sentimentos de medo, aversão e repulsa para com os homossexuais e a homofobia cognitiva, que vai se dar na medida em que o homossexual é aceito pela sociedade, porém, a sociedade não se importa de que ele não usufrua dos mesmos direitos que as pessoas heterossexuais, fazendo com que os mesmos fiquem a margem.

Ainda de acordo com Borrillo, é importante notar que houve uma mudança epistemológica e política em relação ao tratamento dado às questões dos homossexuais na medida em que, antes, o homossexual era objeto de estudo, ou seja, seus hábitos eram vistos como desviantes e estudados como uma tentativa de analisar a origem e o seu funcionamento. Já recentemente, o foco passou a ser a hostilidade e o preconceito que esse grupo sofre, ou seja, a atenção passa a ser os motivos que levam essa comunidade a sofrer por ter essa referida sexualidade. O foco na pessoa homossexual diminui, aumentando assim o foco na pessoa homofóbica (BORRILLO, 2021).

Em virtude disso, independentemente de suas características e de como se constitui a homossexualidade, ela deve ser considerada como uma forma legítima e válida de sexualidade, da mesma forma que a heterossexualidade o é (BORRILLO, 2021). Entretanto, não é o que ocorre na prática, na medida em que se percebe uma valorização da heterossexualidade em detrimento das demais sexualidades.

É possível perceber que a prática da homofobia se fundamenta em valores institucionalizados, ou seja, existem formas que nos levam a entender negativamente a

homossexualidade pois há diversas práticas homofóbicas institucionalizadas, por exemplo, se os homossexuais são vistos: como criminosos, pode ocorrer a prisão ou mesmo a pena capital; como pecadores, se dá a condenação moral; como doentes, precisam se submeter ao tratamento médico e as terapias impostas pela ciência (BORRILLO, 2021). Sendo assim, sempre há um jogo de poder operando em relação às sexualidades distintas da sexualidade considerada padrão, assim como, é perceptível que há sempre uma tentativa de normatização desses corpos.

Além disso, há também uma diferenciação na forma como a homofobia chega aos homens e às mulheres, pois esses dois grupos são representados de maneiras diferentes na sociedade. Segundo Borrillo (2021), as mulheres, devido a sua feminilidade, são vistas como marginais e inferiorizadas e a sua sexualidade não é vista como válida por ter-se a noção de que a mulher não tem desejos sexuais como os homens. Ou seja, a mulher lésbica acaba sofrendo violência dupla, por ser mulher e por ser homossexual. Ainda há também o fato de que, segundo Ellis (1895 apud Borrillo 2021), as mulheres costumam ter relações mais íntimas umas com as outras em comparação aos homens, sendo assim, é mais difícil de considerá-las homossexuais, ocasionando uma indiferença para com as mesmas:

Se as lésbicas foram, visivelmente, menos perseguidas que os gays, tal constatação não deve ser interpretada, de modo algum, como indicio de uma maior tolerância a seu respeito; pelo contrário, essa indiferença nada mais é do que o sinal de uma atitude que manifesta um desdém muito maior, reflexo de uma misoginia que, ao transformar a sexualidade feminina em um instrumento do desejo masculino, torna impensáveis as relações erótico-afetivas entre mulheres (BORRILLO, 2021, p. 28-29).

Dados do Relatório do Grupo Gay da Bahia (2021) mostraram que 300 LGBTQIA+ tiveram mortes violentas em 2021, registrando-se 96% de homicídios e 4% de suicídios, sendo o Brasil, o país que mais mata LGBTQIA+ e o Nordeste, a região com maior índice destas mortes violentas. Em 2021, os homossexuais de gênero masculino lideraram o ranking de mortes LGBT+ (51%) e o público homossexual feminino ficou em terceiro lugar (4%).

Diante da apresentação desses dados, nota-se que a homofobia está muito presente no dia a dia e gera consequências enormes na vida de populações homossexuais na medida em que a violência é cometida apenas pelo fato da pessoa ser LGBTQIA+. Portanto, diante do exposto, é possível perceber que existem diversas formas e diversos meios por onde a homofobia é expressa. Entretanto, existe ainda um modo de homofobia que não está sendo amplamente estudado nas pesquisas. Trata-se da homofobia familiar. Soliva et al. (2020), Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), Coelho e Barros (2021), Toledo e Teixeira Filho

(2013), Cruz, Oliveira e Araújo (2019), Schulman (2010) e Hammes (2013) são alguns autores que corroboram e demonstram, em seus estudos, essa escassez de pesquisas voltadas para o estudo da homofobia familiar.

Nas relações familiares, muitas vezes, podem se desenvolver tentativas de normalização e enquadramento e formas de controle e vigilância em relação à sexualidade, ocasionando assim, proibições, invasões de privacidade e até mesmo chantagens, com graus de severidade variando de acordo com o nível de tolerância dos pais (SANTANA et al. 2018). Todo esse contexto acaba gerando impactos significativos na saúde física e mental de homossexuais.

O termo Homofobia Familiar foi criado pela pesquisadora Sarah Schulman com o objetivo de trazer mais visibilidade para essa temática que é pouco discutida (CRUZ; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2019). Segundo Schulman (2010), a homofobia familiar é a inferiorização do homossexual pela família apenas pelo fato dele ser homossexual, ou seja, o contexto familiar torna-se um mecanismo de validação da violência. Ela traz também que a homofobia familiar tem as suas próprias especificidades e deve ser estudada em todas elas pois, as pessoas homossexuais estão sendo invisibilizadas e punidas dentro da sua própria estrutura familiar, apenas por serem quem são.

São diversas as consequências psíquicas que a homofobia familiar ocasiona naqueles que a vivenciam. Os homossexuais, ao sofrerem homofobia familiar, sentem algo parecido com uma grande sensação de solidão, pois ao revelarem a sua homossexualidade, esperam um certo tipo de acolhimento mas, recebem em troca, o silêncio: “a família, quando não toma uma postura violenta na tentativa de reprimir a expressão das vivências homoeróticas do filho, muitas vezes se utiliza de uma forma de silêncio, de invisibilidade das tais práticas” (SOUZA; SILVA, 2018, p. 3).

Essa prática do silêncio, Schulman (2010) denomina de evitação que, segundo ela, é a forma mais comum de homofobia familiar e a mais fácil de ser praticada e acontece quando os homossexuais, após revelarem a sua sexualidade, são excluídos de determinados eventos e/ou conversações, ou seja, essas pessoas não podem falar nem encontram espaço para serem ouvidas, ficando assim, em silêncio absoluto, ocasionando um certo tipo de solidão pois, no ambiente em que deveriam ser acolhidas, elas não o são.

Além disso, também é possível perceber o uso do silêncio como repressão, na medida em que a família evita falar sobre o assunto, fingindo que nada daquilo é verdade a fim de ver se o comportamento se extingue. Portanto, muitas famílias acabam ignorando o que foi dito e

agindo como se o familiar fosse heterossexual, tratando-o como solteiro e nunca reconhecendo as relações afetivas como válidas e duradouras, ocasionando assim, um distanciamento do parceiro de eventos familiares e uma vigilância de si exaustiva na medida em que precisam ficar sempre em alerta sobre como serão vistos e sobre quem pode os ver e o que isso pode ocasionar em suas relações familiares já conturbadas, produzindo assim, uma verdadeira “desumanização normativa e regular” (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2014, p. 131).

Outro conflito notório encontrado na literatura em decorrência da revelação da sexualidade é a prática de controle, vigilância, proibições, ameaças e chantagens a que os homossexuais são expostos ao revelarem a sua homossexualidade (CRUZ; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2019). Ou seja, a família passa a controlar cada passo da pessoa, a fim de tentar fazer com que ela se torne heterossexual, controlando os lugares a que deve ir, as pessoas com quem deve falar e as roupas que deve vestir. Ou seja, proíbem qualquer tipo de contato com o mundo exterior que possa aumentar a homossexualidade, restringindo a vivência a locais que possam fomentar a heterossexualidade, pois essas famílias acreditam e esperam que isso seja possível e agem de acordo com essa crença, prejudicando assim, a liberdade do sujeito homossexual.

Além do que foi exposto, existe também um fator presente na homofobia familiar que é o fato de que, por ser familiar, muitas vezes, a violência não é reconhecida como tal. Isso ocorre porque pode haver um certo tipo de carinho e afeto familiar que faz os comportamentos dessas pessoas não parecerem tão ruins, fazendo com que a homofobia seja confundida com cuidado (COELHO; BARROS, 2021), levando o homossexual a não enxergar aquelas ações como uma forma de violência. Essas questões contribuem para que as pessoas que vivem a violência não a reconheçam como tal, tornando-se mais difícil que os mesmos tomem alguma atitude frente àquilo, naturalizando assim, essas ações. Além disso, como afirma Schulman (2010), esse tipo de conduta pode ser tão comum que passa a ser natural, não sendo reconhecida como algo problemático.

Schulman (2010) também evidencia um ponto que dificulta a visão dessa homofobia como legítima e válida que é o fato de que, muitas vezes, o homossexual se encontra sozinho naquela família, não tendo com quem contar e dividir as suas angústias pois, diferentemente de outros grupos minoritários, o homossexual nasce em um lugar onde não se encontra já que a família não se parece com ele e nem sofre com as mesmas situações que ele sofre. Ou seja,

em oposição a outras formas de hostilidade, a homofobia recai sobre indivíduos isolados e não sobre grupos (BORRILLO, 2021). Além disso, por se tratar de uma instituição familiar, acaba que a sociedade não intervém pois existe a noção de que se trata de um assunto privado, tornando-se então, uma relação de opressão.

Em muitos casos, o homossexual, ao revelar a sua sexualidade, pode sofrer uma perda dos seus vínculos familiares e sociais. Isso pode ocorrer em decorrência de muitos responsáveis não quererem lidar e conviver com essa situação, preferindo o distanciamento daquela pessoa, além disso, demonstra também uma frustração dos pais de que o filho não correspondeu às suas expectativas, como também, o medo do assunto chegar a outras pessoas e a família acabar perdendo o seu *status* social (HAMMES, 2013). Em decorrência disso, muitos familiares preferem deixar essas pessoas à própria sorte e acabam cortando esses laços.

Segundo Hammes (2013), muitas vezes, essa pessoa que foi excluída do convívio familiar não possui renda própria e nem meios de se manter. Isso faz com que o indivíduo tenha que procurar novas formas de sobrevivência. Portanto, expulsando-as de casa, a família acaba proporcionando uma perda de chances que essa pessoa teria se estivesse ainda protegida pelo seio familiar, deixando-a em desvantagem com relação às demais pessoas heterossexuais, e portanto, em situação de maior vulnerabilidade social.

Além disso, por não ter o apoio da família, muitos homossexuais ficam sem uma referência concreta em que possam pedir ajuda e isso dificulta a sua vivência em sociedade, pois, muitas vezes, podem sofrer preconceito e discriminação na comunidade, seja em escolas, igrejas ou nas ruas e não ter apoio suficiente para conseguir denunciar e buscar ajuda, fazendo com que o sofrimento seja silenciado. A partir disso, o homossexual, que a princípio dependia da sua família, precisa construir, com dificuldade e tardiamente, novas redes de apoio e novas formas de resistência e sobrevivência (SEDGWICK, 2007), já que o seu referencial foi perdido, e reorganizar as suas referências para que possa encontrar novamente um ambiente seguro onde o armário não seja uma presença e um fator constante.

Uma pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (VENTURI; BOKANY; 2011) buscou identificar quais eram os agentes que mais cometiam homofobia e trouxeram como resultados que 22% se tratavam dos pais e 31% se tratavam de outros familiares. Quando perguntado sobre qual foi a primeira situação em que foram discriminados devido à orientação sexual, 10% trouxeram que foi pelos pais e 11% por parte de outros familiares,

sendo estes dois dados, o segundo e terceiro maiores da amostra, perdendo apenas para a discriminação por colegas de escola (13%). Já quando se trata da pior forma de discriminação devido a orientação sexual, os pais e outras pessoas da família também lideram o ranking, evidenciando assim, a família como um dos maiores meios de perpetuação de violência homofóbica.

Essas mesmas pesquisas também tiveram como objetivo compreender como se dá a aceitação social de pessoas LGBTQIA+ na sociedade e perceberam que a forma de aceitação depende do grau e do conteúdo da relação entre a pessoa homossexual e o sujeito. Ou seja, constatou-se que há uma alta carga de indiferença, ou seja, o fato de não se importar com a sexualidade do outro, quando o homossexual é o seu colega de trabalho (70%), chefes (68%) ou vizinhos (72%). A indiferença chega a diminuir um pouco quando se trata da escolha de médicos (62%), amigadas (60%) e professores para os filhos (56%). Entretanto, a indiferença diminui significativamente quando o homossexual é seu próprio familiar, ou seja, apenas 13% dos entrevistados afirmaram não se importar de ter um homossexual na família. Esses números são constantes entre entrevistados homens e mulheres, mas diferem em relação à escolaridade, sendo a indiferença maior entre aqueles que têm nível de instrução mais alto. Um dado que vale a pena ressaltar foi que 7% dos entrevistados afirmaram que não aceitariam o filho de jeito nenhum se fosse homossexual e o expulsariam de casa (VENTURI; BOKANY; 2011).

Além disso, dados coletados no censo divulgado pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo em 2015, mostraram que entre 5,3% e 8,9% do total da população em situação de rua da cidade fazem parte da comunidade LGBTQIA+, sendo a família o principal fator de exclusão (FATOR..., 2016). São vítimas do preconceito no seio familiar e devido a isso acabam tendo que sair, ou sendo expulsos, de suas casas. Assim como, em um estudo realizado pelo aplicativo de namoro gay “chappy” juntamente com a agência de pesquisas “Survation” mostrou que cerca de 30% dos homens gays entrevistados sofrem homofobia de seus familiares em datas natalinas, gerando nos mesmos uma alta carga de ansiedade e depressão quando pensam nas datas festivas (QUASE..., 2019).

Diante disso, se faz importante perceber que a homofobia, principalmente a homofobia familiar, é responsável por ocasionar diversas consequências nas vidas de quem a vivencia, além disso, há uma escassez de estudos empíricos com homossexuais sobre a temática da

homofobia familiar e faltam artigos que busquem articular os dados existentes sobre os motivos e as consequências da homofobia familiar.

Portanto, o presente estudo trata-se de uma revisão narrativa efetuada com o intuito de verificar e analisar na literatura como estão sendo realizadas as pesquisas empíricas com os homossexuais a fim de discutir formas de definição da homofobia e homofobia familiar; quem são as pessoas mais afetadas pela homofobia descritas nas pesquisas; quais são as motivações e explicações e quais as principais consequências da homofobia familiar encontradas na literatura. Os resultados dessas discussões podem contribuir para alargar a compreensão de profissionais, educadores, equipes de saúde e sociedade, o que pode ocasionar ganhos na forma como os homossexuais são tratados e como são vistos.

## **2. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo qualitativo de revisão narrativa apropriado para analisar a literatura publicada em artigos a partir de uma interpretação e análise crítica dos conteúdos encontrados. A revisão narrativa constitui-se em uma análise mais ampla da literatura onde não é necessário uma busca rigorosa e sistemática pelos artigos, portanto, não fornecem respostas quantitativas e nem permitem a reprodução e generalização dos dados. No entanto, essa categoria de estudo tem um papel imprescindível, pois auxilia os leitores a se atualizarem sobre uma determinada temática (ROTHER, 2007).

Foram utilizados artigos de pesquisas empíricas encontrados no período de julho de 2022 nas seguintes bases de dados: Scielo, PepSic, BVS e Google Acadêmico. Para isso, foram utilizados os seguintes descritores: homofobia familiar e homofobia intrafamiliar. Não houve restrições referentes ao ano de publicação dos artigos por se tratar de uma temática ainda escassa na literatura. Outros trabalhos foram localizados a partir das referências dos artigos lidos, como também, na medida em que se tentava localizar textos completos no Google.

O critério utilizado para a inclusão dos artigos foi se tratar de pesquisas empíricas, no idioma português, realizadas com homossexuais que vivenciaram a homofobia familiar. Como critérios de exclusão, foram excluídos os artigos que não apresentavam esses critérios de inclusão e/ou apresentavam duplicidade, isto é, o mesmo artigo localizado em mais de uma base de dados, assim como, artigos onde a população entrevistada não se tratava dos homossexuais, artigos que realizaram pesquisas na mídia ou em contextos terapêuticos,

artigos que se tratavam de estudos de caso ou em que a pesquisa foi realizada com apenas um participante, trabalhos de conclusão de curso, teses ou dissertações, artigos que não estavam no idioma português e aqueles textos que não foram encontrados na íntegra para a leitura.

A partir da pesquisa, foram lidos os títulos dos textos encontrados para filtrar aqueles que pareciam relevantes à pesquisa. Após essa seleção, foi realizada a leitura de todos os resumos dos textos selecionados a fim de verificar se estavam dentro dos critérios de inclusão. Os artigos em que houveram dúvidas quanto ao conteúdo dos mesmos foram lidos de maneira integral. Ao final da triagem, os textos foram lidos integralmente e fichados a fim de resguardar as informações mais relevantes.

Embora se trate de uma pesquisa narrativa, para o tratamento dos dados, primeiro será feita uma descrição mais objetiva das pesquisas, incluindo, por exemplo, os métodos de coleta de dados e de análises que foram utilizados. Posteriormente, os dados serão apresentados e discutidos a partir das questões principais que orientam nossa pesquisa: será realizada uma caracterização dos indivíduos participantes das pesquisas, assim como, será discutido sobre como os autores têm definido a homofobia geral e a homofobia familiar, além disso, será analisado também quais as motivações e explicações para a existência da homofobia familiar e quais as suas principais consequências.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir da busca nas bases de dados, foram localizados 389 textos, desses, foram filtrados 60 que, pelo título, pareceriam relevantes à pesquisa. Desses 60, houveram 16 textos que estavam repetidos entre as bases de dados e foram excluídos. Após isso, foram lidos os resumos dos 44 artigos restantes e foram excluídos aqueles que não atenderam aos critérios de inclusão mencionados na metodologia. Através dessa triagem, restaram 9 artigos para a análise, porém, não foi encontrado o texto completo de um deles restando 8 artigos para análise integral. Além disso, duas outras referências foram localizadas e incluídas na pesquisa, uma delas fazia parte das referências de um dos artigos já selecionados, já a outra foi encontrada quando se buscou localizar os textos integrais através da ferramenta de buscas do Google. Após serem lidos de maneira integral, os mesmos foram incluídos na pesquisa, restando assim, um total de 10 artigos aptos para a análise. No Quadro 1 é possível verificar quais foram os artigos incluídos, os anos e os seus autores:

**Quadro 1: Identificação dos artigos analisados**

<b>TÍTULOS</b>	<b>AUTORES</b>	<b>ANO</b>
Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais	Thiago Barcelos Soliva.	2010
Homofobia familiar: abrindo o armário 'entre quatro paredes'	Lívia Gonsalves Toledo; Fernando Silva Teixeira Filho.	2013
Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays	Juliana Perucchi; Brune Coelho Brandão; Hortênsia Isabela dos Santos Vieira.	2014
Entre a afetividade e a homofobia familiar: histórias de jovens gays em suas tessituras familiares	Juliane Costa Silva.	2017
Revelação da homossexualidade masculina: impactos no relacionamento familiar	Adriana Martins; Josilene Guedes; Rita Flores Müller.	2018
Adolescentes homossexuais e suas relações com familiares: estudo fenomenológico	Nely Dayse Santos da Mata; Marcelo Henrique da Silva; Selisvane Ribeiro da Fonseca Domingos; Maria Cristina Pinto de Jesus; Miriam Aparecida Barbosa Merighi.	2018
Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo	Iara Falleiros Braga; Wanderlei Abadio de Oliveira; Jorge Luiz da Silva; Flávia Carvalho Malta de Mello; Marta Angélica Iossi Silva.	2018
Percepção de homofobia familiar e social de homoafetivos do município de Cacoal/RO	Alexandra Gomes Leite; José Roberto Paiva Silva; Heverton Magno Missiatto; Leandro Aparecido Fonseca Missiatto.	2019
Sufrimento, família e homossexualidade: Um estudo com estudantes universitários do Recôncavo da Bahia	Thiago Barcelos Soliva; Deise Queiroz da Silva; Marcus Vinicius Silva Santiago Silva; Marcos Vinicius Nery Damasceno.	2020
Lesbofobia familiar: técnicas para produzir e regular feminilidades heterocentradas	Keith Daiani da Silva Braga; Arilda Ines Miranda Ribeiro; Marcio Rodrigo Vale Caetano.	2022

Como já mencionado anteriormente, a temática da homofobia familiar é nova na literatura, em virtude disso, há uma escassez de estudos sobre o assunto, o que pode ser observado nos anos das pesquisas, onde a mais antiga é do ano de 2010, portanto, por esses motivos, percebe-se também a necessidade de ampliar os estudos nesta área.

Em relação ao tipo de pesquisa desenvolvida, a maioria delas utilizou como método de coleta de dados algum tipo de entrevista: entrevistas semi-estruturadas (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; BRAGA et al., 2018; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018); entrevistas com questões abertas (MATA et al., 2018; BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022; SOLIVA, 2010); entrevistas estruturadas (SILVA, 2017; SOLIVA et. al, 2020); e questionários (LEITE et. al., 2019).

Já em relação à forma de análise dos dados das pesquisas, a maioria utilizou metodologias qualitativas que estão descritas a seguir: análise por meio dos estudos feministas (BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022; PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014); análise do discurso (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014); análise por meio da interpretação dos sentidos (BRAGA et al., 2018); análise por meio das teorias queer (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; BRAGA et al., 2018); análise à luz das teorias pós-estruturalistas (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013); análise à luz da fenomenologia existencial de Alfred Schütz (MATA et al., 2018); e análise através dos estudos metodológicos da história oral (SILVA, 2017). Quatro artigos não citaram qual foi a forma de análise dos seus dados (LEITE et al., 2019; MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018; SOLIVA et. al, 2020; SOLIVA, 2010) e alguns utilizaram mais de uma forma de análise em um mesmo artigo.

Sobre os dados que caracterizam os sujeitos entrevistados, foi percebido que a maioria dos artigos realizou a pesquisa com jovens maiores de 18 anos e abaixo dos 30 anos de idade (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; MATA et al., 2018; LEITE et al., 2019; SOLIVA et. al, 2020). Apenas um texto realizou a pesquisa com jovens menores de 18 anos (BRAGA et al., 2018), três textos trouxeram em suas pesquisas um público acima dos 30 anos (MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022) e dois artigos não informaram as idades dos participantes (SILVA, 2017; SOLIVA, 2010).

Além disso, três artigos trouxeram como participantes sujeitos que residiam em cidades do interior (BRAGA et al., 2018; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; SILVA, 2017) cinco artigos trouxeram participantes que residiam em regiões metropolitanas (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; MATA et al., 2018; LEITE et al., 2019; MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018; SOLIVA et. al, 2020) e dois artigos não citaram as cidades dos participantes nas pesquisas (BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022; SOLIVA, 2010). Esses dados mostram que a maior parte dos sujeitos pesquisados não são de cidades grandes ou capitais, ou seja, os

dados sobre a vivência da homofobia podem refletir esta inserção social e talvez possam ser diferentes se pesquisado nestas outras cidades.

Em relação ao sexo do público entrevistado, cinco artigos realizaram a pesquisa apenas com homens (MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018; SILVA, 2017; MATA et al., 2018; SOLIVA et. al, 2020; SOLIVA, 2010), dois artigos tiveram como participantes apenas mulheres (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022) e três artigos realizaram a pesquisa com participantes de ambos os sexos (LEITE et al., 2019; BRAGA et al., 2018; PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014). Além disso, um dos artigos incluiu, além de homossexuais, bissexuais em sua pesquisa (LEITE et al., 2019).

Vale salientar também que um dos artigos analisados que realizou a pesquisa apenas com mulheres (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013) não utiliza o termo “homossexual” para denominá-las, pois nem todas as entrevistadas assumiam para si essa nomenclatura, se reconheciam como pessoas que sentiam atração e desejo sexual por pessoas do sexo feminino mas não se chamavam de lésbicas nem de homossexuais, por isso, os autores utilizaram o termo “homoerotismo” em sua pesquisa.

É importante perceber que alguns estudos corroboram questões associadas ao preconceito vivenciado pelo ser homem e gay e pelo ser mulher e lésbica, entretanto, nenhum deles faz uma comparação empírica entre os dois públicos. Entretanto, apesar de não trazer essas comparações, um dos artigos (BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022) apontou que existem diferenças na vivência da homofobia vivida por homens e por mulheres, exemplificando, portanto, a necessidade de se aumentar os estudos que se voltem para a análise e interpretação dessa comparação pois, a caracterização dos sujeitos e os estudos não têm dado atenção para entender as especificidades e semelhanças entre estes dois grupos. Ou seja, uma questão pertinente neste sentido seria verificar se há diferenças nas formas das famílias tratarem homens e mulheres homossexuais.

Voltando-se novamente para a caracterização dos sujeitos, percebe-se que a escolaridade dos mesmos foi mencionada em cinco artigos (BRAGA et al., 2018; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; MATA et al., 2018; LEITE et al., 2019; SOLIVA et. al, 2020); a religião foi citada em dois artigos (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; MATA et al., 2018); a classe social e/ou renda familiar em quatro artigos (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; MATA et al., 2018; LEITE et al., 2019; SOLIVA et. al, 2020); a etnia/raça dos entrevistados também foi apresentada em quatro artigos (BRAGA et al., 2018; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013;

SOLIVA et. al, 2020; BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022) e apenas dois artigos mencionaram se os entrevistados ainda moravam com as suas famílias (LEITE et al., 2019; SOLIVA et. al, 2020).

É importante perceber que os artigos não dão muita ênfase na caracterização mais detalhada dos sujeitos. Ou seja, muito além da idade e da orientação sexual, outros elementos importantes e representativos acabam ficando de fora em alguns textos. Há certa dificuldade de padronização e homogeneização dos dados, fator importante para que se possa observar e pensar as diferenças e similaridades entre os pesquisados a fim de ter uma melhor compreensão do fenômeno.

Dados sobre a escolaridade são importantes no estudo da homofobia familiar pois a partir deles se pode perceber em que patamar da vida os homossexuais estão, ou seja, se ainda estão no ensino médio, onde a dependência da família acaba sendo maior, se estão próximos de terminar os estudos, ou se já estão inseridos no mercado de trabalho. Além disso, dados como classe social, renda e dependência financeira da família também fornecem elementos para compreender como está a situação financeira dos entrevistados. Todos esses fatores contribuem para a análise e interpretação no entendimento de como os homossexuais lidam com a homofobia e como vivenciam as suas consequências.

Além disso, dados que relatem se os homossexuais moram com seus familiares também se fazem importantes, pois a maneira como a homofobia aparece e é vivenciada pode ser diferente a depender da proximidade com os agentes homofóbicos. Assim como, esses dados podem fornecer uma noção para entender se o distanciamento da família ocorreu antes, durante ou após a revelação da sexualidade, como também, se o afastamento do seio familiar ocorreu em virtude da homofobia ou não.

No que se refere à religião, se faz importante que a mesma seja identificada nas pesquisas pois sabe-se que, historicamente, algumas religiões perseguiram mais os homossexuais do que outras, como é o exemplo do Cristianismo (BORRILLO, 2010). Ou seja, dados sobre a religião, tanto da família, quanto do homossexual, são importantes para realizar comparativos entre a forma de homofobia e a forma como o homossexual a vivencia, até mesmo para poder identificar se há relação entre a família homofóbica e a religião que ela carrega.

Sobre a etnia/raça, é importante que a mesma apareça na caracterização dos sujeitos das pesquisas pois sabe-se que existe uma verdadeira intersecção de opressões, ou seja, o sofrimento dos homossexuais negros difere do sofrimento dos homossexuais brancos:

É nesse contexto que as mulheres lésbicas se encontram, entre uma verdadeira intersecção de opressões, na medida em que o ser mulher, por si só, já traz uma carga de inferiorização, orientar-se e expor a sua sexualidade aumenta exponencialmente essa opressão, e isso se multiplica caso ela seja de uma raça ou etnia também desvalorizada e subjugada socialmente (BARBOSA et. al., 2014, p. 3012).

Em relação ao corpo teórico dos artigos analisados, a respeito da própria definição do conceito de “homofobia”, percebe-se que apenas seis artigos trazem essas definições: três deles citam Borrillo para exemplificar o termo (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; SOLIVA et. al, 2020; LEITE et al., 2019); outro cita Butler (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013) e se refere à homofobia como um “sistema de prazer” baseado na superioridade da heterossexualidade, ou seja, no desejo de se sentir superior ao outro; outro artigo cita a homofobia como sendo uma forma de “preconceito sexual” (MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018); e o último traz o conceito voltado para o público feminino, ou seja, fala sobre violência lesbofóbica e traz uma visão feminista acerca do conceito pois identifica que as discussões clássicas de homofobia não dão conta das complexidades vivenciadas por mulheres lésbicas (BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022).

Quando a definição é de homofobia familiar, percebe-se que há uma escassez ainda maior de artigos que enfatizem esse conceito. Por ser um conceito novo, muitos falam apenas de homofobia e a discutem no contexto familiar, sem que haja uma preocupação com a própria especificidade do termo. Apenas quatro artigos trazem essa conceituação. Desses quatro, três se baseiam na definição de Schulman (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; LEITE et al., 2019; MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018) e o outro (SOLIVA, 2010) traz a problemática da homofobia familiar como uma forma de violência intrafamiliar, utilizando a definição de Day (2003) que, em linhas gerais, seria toda ação que possa prejudicar o pleno desenvolvimento e o bem-estar de um dos membros da família.

Um dos artigos que não traz a definição específica de homofobia familiar (BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022) utiliza o conceito de lesbofobia familiar. As autoras enfatizam que essa violência acaba por ficar escondida dentro de uma casa, pois muitas vezes é cometida pelos próprios pais, portanto, acaba sendo uma violência bastante silenciada. A lesbofobia familiar seria, para elas, uma tentativa de corrigir a lesbianidade dessas pessoas por meio da tentativa do realinhamento de gênero voltado para a feminilidade hegemônica, ou seja, é uma tentativa de normatizar não só a orientação sexual, mas também o próprio corpo dessas mulheres. Um aspecto diferente em relação às outras definições encontradas nas

pesquisas, como a de Borrillo (2021) e a de Schulman (2010), por exemplo, seria essa coerção mais direta através do controle e vigilância dos corpos.

Quatro outros artigos envolvidos na pesquisa, não citam definições de homofobia familiar. Entretanto, eles citam o conceito de família, o qual auxilia no entendimento das discussões trazidas. Um deles (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014) traz a família como uma instituição reprodutora de modelos hierárquicos e opressores, cujos valores e crenças são perpetuados através de relações cheias de emoções. Outros dois (BRAGA et al., 2018; MATA et al., 2018), trazem a família como uma rede de apoio social importante, responsável por promover direitos e saúde mental aos seus membros. Já o quarto artigo (SILVA, 2017) faz referência à Foucault e diz que é através da família que são fomentadas estratégias de regulação, vigilância e controle da sexualidade.

Percebe-se, portanto, que embora os trabalhos sejam sobre a homofobia familiar, o próprio conceito é deixado de lado na maioria deles; muitos preferem falar da homofobia no geral a mencionar especificamente a homofobia familiar e outros acabam por não definir nem um conceito nem outro em suas discussões (BRAGA et al., 2018; MATA et al., 2018; SILVA, 2017), apenas o citam, sem necessariamente ter uma preocupação mais teórica.

Um outro ponto importante que guiou nossas análises se refere aos resultados encontrados nas pesquisas, percebe-se que há vários tipos de motivações que os autores encontram para a prática da homofobia familiar. A primeira delas, que aparece na maioria dos artigos, (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; MATA et al., 2018; SILVA, 2017; MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018; SOLIVA et. al, 2020; SOLIVA, 2010) refere-se à religião e às tradições conservadoras. Ou seja, muitos familiares se utilizam do discurso religioso para praticar atos de violência homofóbica e isso acontece, principalmente, porque muitas instituições religiosas ditam quais são os comportamentos moralmente permitidos e qual forma de vida os indivíduos devem ter para serem aceitos e isso acaba promovendo a visão de que a heterossexualidade é a única forma válida de se relacionar. Portanto, esse ponto destaca ainda mais a reflexão trazida anteriormente sobre a importância de caracterizar as religiões dos sujeitos e suas famílias para identificar que religiões são essas que determinam essas normas e que contribuem com o surgimento e com a regulação da homofobia familiar.

Uma segunda motivação encontrada nos artigos se trata da quebra de expectativas em relação ao que os pais esperam do filho e ao que ele realmente é. Esse discurso aparece como motivador em cinco artigos (MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018; SOLIVA, 2010;

BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022; SILVA, 2017; BRAGA et al., 2018) e mostra que a homofobia tem muito mais a ver com o praticante do que com a vítima. Portanto, muitas vezes, esse preconceito surge na infância, quando os pais percebem que o filho ou filha apresentam comportamentos que não são esperados pelas normas heterossexuais e podem se estender até a vida adulta, caso o comportamento continue ocorrendo, ou seja, isso indica que a homofobia pode começar antes mesmo da consciência da orientação sexual dos sujeitos e também da própria revelação da sexualidade.

Percebe-se, portanto, que há um sentimento de frustração dos pais em relação às expectativas sociais que mantinham para os filhos, ou melhor, a circunstância em si acaba sendo conflitante com os costumes e com as práticas daquele núcleo familiar e isso ocasiona uma desestabilização das relações e uma reação dessa família frente a isso, pois acreditam poder punir e controlar qualquer manifestação que vá contra ao que esperavam daquela pessoa (HAMMES, 2013). Toledo e Teixeira Filho (2013) trazem a reflexão de que os pais, ao descobrirem a sexualidade dos filhos, passam por uma fase de luto, ou seja, luto de um filho ou filha heterossexual, luto por si mesmos e luto pelos planos que foram perdidos e, portanto, precisam ressignificar essa relação.

Uma terceira motivação encontrada nas pesquisas (SOLIVA, 2010) se trata do discurso médico que ainda é muito presente na sociedade. Ou seja, há uma ideia estereotipada de que existem doenças específicas que os homossexuais estão mais suscetíveis de adquirir por serem homossexuais. Embora essa visão seja problemática, é o que ainda se perpetua e, algumas famílias, acabam utilizando desse discurso para fomentar práticas homofóbicas que, muitas vezes, podem estar disfarçadas de cuidado (COELHO; BARROS, 2021), pois tentam proibir um certo comportamento utilizando como motivo o medo e a preocupação do que pode acontecer e acaba servindo de motivação para a prática de um tipo mais velado de homofobia.

Além das motivações advindas da própria família, os autores das pesquisas (BRAGA et al., 2018; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; SILVA, 2017; BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022; SOLIVA, 2010) também trazem algumas razões que estão na estrutura da organização do pensamento social e que podem servir de motivação para a prática da homofobia familiar. Uma delas seria a heteronormatividade hegemônica. Rios (2007) salienta que, na cultura heterossexista, existe uma supervalorização da diferença entre homossexuais e heterossexuais. Além disso, essa oposição nos traz uma noção de que existe uma diferença qualitativa entre as sexualidades, visto que os comportamentos heterossexuais recebem uma

hipervalorização em comparação aos comportamentos homossexuais, trazendo a ideia de que uma forma de se relacionar seria melhor do que as outras, assim como, de que a heterossexualidade seria o modelo padrão de onde surgem todos os demais comparativos (BORRILLO, 2021).

A homofobia se torna, então, responsável por regular essa fronteira entre uma sexualidade e outra (BORRILLO, 2021), cuidando para que não venham a se misturar e que a heterossexualidade se sobreponha às outras sexualidades, pressionando assim, a eliminação da sexualidade inferiorizada. Ou seja, segundo Rios (2007), sempre que essa fronteira for ameaçada, surgirá uma série de ações e reações destinadas a reverter a situação e trazer de volta a tranquilidade do sistema heterossexista e é justamente isso que acontece em alguns casos, ou seja, a família, quando percebe que o familiar não está dentro das normas heterossexistas, acaba por pressionar, de todas as formas, que ele volte para a norma a fim de reestabelecer o mundo tal como o conhecem.

Outras formas de motivações trazidas pelos autores (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013; BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022) e que complementam a anterior, são a misoginia e o sexismo, ou seja, o desprezo, o desrespeito e a inferiorização às mulheres ou a tudo aquilo que for considerado como feminino e frágil. Sendo assim, o ser mulher adquire conotação negativa e a homofobia se sustenta por uma sociedade patriarcal que repudia qualquer comportamento que se assemelhe ao comportamento oposto ao do seu gênero.

Um dos artigos presente na análise (BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022) expõe as vivências de mulheres homossexuais que não perpetuavam, em seus corpos, a feminilidade e traz a reflexão de que as maneiras de se vestir dessas mulheres e a preferência por certos tipos de brincadeiras, consideradas como brincadeiras de meninos, eram aceitas por seus familiares durante a infância. Isso ocorria porque havia uma tendência a proteger a infância dessas crianças, para que não fossem sexualizadas de maneira precoce. Porém, à medida que essas meninas iam crescendo, o comportamento era reprimido e elas eram proibidas e vigiadas a fim de se evitar que aquele comportamento continuasse.

Além disso, há também uma objetificação do papel da mulher, na medida em que se tem o desejo de que as mulheres assumam certos papéis na sociedade. De acordo com Borrillo (2021), as mulheres historicamente foram e continuam sendo, em grande parte, vistas como inferiores e ausentes de desejos sexuais e às suas sexualidades nem sempre são consideradas como válidas. Além disso, na sociedade patriarcal, as mulheres são orientadas a estarem

sempre acessíveis para os homens e a dependerem deles, assim como, a manterem uma aparência considerada como dentro das normas impostas para o feminino, de ter um instinto materno e uma facilidade com crianças, de sempre se portar de forma contida e de manter uma personalidade mais reservada. Ou seja, há certas normas de gênero que são esperadas que as mulheres cumpram e quando essas mulheres são lésbicas elas sofrem violência dupla: a homofobia e a misoginia, pois se espera delas que esses padrões sejam alcançados e vivenciados (BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022).

Geralmente, as mulheres têm uma maior facilidade de manterem relacionamentos íntimos com outras mulheres, então, muitas vezes, os relacionamentos homoafetivos são considerados como amizades ou podem ser tratados com indiferença já que se tem uma noção estabelecida de que a mulher deve apenas servir ao prazer do homem (BORRILLO, 2021), então tende-se a enxergar as relações sexuais entre as mulheres como uma forma de satisfazer aos prazeres masculinos e não a elas mesmas, mostrando dessa forma, uma falta de credibilidade sobre o próprio corpo e sobre a própria sexualidade a que as mulheres estão expostas.

Em relação a homens gays, os mesmos sofrem por traírem os princípios masculinos, considerados como supremos, e são punidos porque se acredita que eles tenham menos “virilidade” do que os homens heterossexuais (BORRILLO, 2021) e que, por causa disso, seriam semelhantes às mulheres. Borrillo (2021) cita um estudo de Kite (1984) que mostrou, através de estudos empíricos, que há uma maior tolerância para com os gays entre as mulheres em comparação com os homens, ou seja, os gays acabam sendo o alvo principal da intolerância dos homens, pois além de tudo isso, existe também “o medo enrustido do desejo homossexual” (BORRILLO, 2021, p. 69) fazendo com que os homens tentem a qualquer custo eliminar essa ameaça. É por esses motivos, que muitos gays podem sentir ódio de sua própria sexualidade e evitar comprometimento emocional, em uma tentativa de preservar e favorecer a sua masculinidade, se aproximando de comportamentos que sejam considerados como mais próximos dos comportamentos tipicamente valorizados como masculinos.

O estudo de Silva (2017) mostra que, desde a infância, o comportamento dos meninos de utilizar roupas mais femininas, ter vozes mais finas e gostar de brincadeiras de meninas era menosprezado e discriminado por parte dos seus familiares. Além disso, muitos deles sofriam *bullying* nas escolas devido a isso e não tinham com quem contar, tendo em vista que os próprios pais também perpetuavam esse tipo de preconceito. Pode-se perceber, portanto, que a feminilidade exposta nos corpos masculinos não é aceita de forma alguma, mostrando assim,

essa intolerância acerca do feminino como também, o fato de que a masculinidade nos corpos dos homens é vigiada e controlada desde cedo.

Um outro ponto importante que norteia as nossas análises se refere às consequências que a homofobia familiar ocasiona na vida dos homossexuais. Existem aquelas situações que são praticadas pelas próprias famílias e aquelas que são fruto das ações dos próprios homossexuais em resposta à homofobia sofrida. Inicialmente, será exposto o primeiro grupo de consequências, ou seja, aquelas praticadas pela família.

Humilhações constantes, chantagens, insultos, opressões, ameaças e violências foram categorias encontradas em todos os artigos analisados como consequências e formas pelas quais a homofobia familiar se expressa. Braga et al. (2018) revelaram que algumas famílias se referiam ao desejo homossexual como “ato desumano”, “loucura” ou até mesmo “falta do que fazer”. Mata et al. (2018) trouxeram o fato de uma mãe que ameaçou se matar se a filha fosse homossexual. Já Soliva et al. (2020) mostraram o discurso sobre uma mãe que preferia ter o filho morto a ter um filho gay. Martins, Guedes e Muller (2018) mostraram o relato de um homossexual que afirmou que, além da violência psicológica, sofreu violência física pela sua mãe: dois socos nas costas e espancamento por meio de cabo de vassoura. Esses fatores, portanto, são maneiras pelas quais a violência e o preconceito são postos em prática.

Outras consequências encontradas foram a hipervigilância e o controle dos corpos por parte dos familiares, estando presentes em cinco artigos (BRAGA et al., 2018, TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013, MATA et al., 2018, BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022, SOLIVA, 2010). Essa vigilância exacerbada se trata de uma perseguição constante ao homossexual, ou seja, a família controla os lugares que ele vai, as pessoas com quem ele anda, as roupas que veste, os horários que deve retornar para casa, quais são os amigos que ele deve conviver e quais deve evitar, entre outros. Nesse processo, pode ocorrer, inclusive, invasão de privacidade, fazendo com que o homossexual sinta-se sempre vigiado, ocasionando o sentimento de medo e preocupação em estar fazendo algo considerado errado e proibido. Toledo e Teixeira Filho (2013) trouxeram o exemplo de famílias que, inclusive, chegaram a forçar o fim do relacionamento homossexual do filho e outras que tentaram encontrar pessoas heterossexuais para se relacionar com eles, na tentativa de corrigir a homossexualidade.

Ainda em relação ao controle dos corpos, Braga, Ribeiro e Caetano (2022) mostraram em sua pesquisa que houve casos em que as famílias fizeram as filhas passar fome para

emagrecer, além de obrigá-las a utilizar vestimentas femininas e fazer uso de maquiagens, pois só assim alcançariam um corpo aceito socialmente. Percebe-se, portanto, que são técnicas produzidas com o intuito de preparar os corpos das meninas para a heterossexualidade compulsória em uma tentativa de afastar a ameaça da lesbianidade e deixá-las prontas para exercer a heterossexualidade.

Uma outra consequência encontrada nos artigos (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014, BRAGA et al., 2018, TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013, SILVA, 2017, MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018, SOLIVA et. al, 2020) foi a prática da negação, invisibilização e silenciamento acerca da homossexualidade, ou seja, famílias que sabem da sexualidade do filho mas a ignoram completamente. Essa prática de silêncio é chamada por Schulman (2010) de evitação e consiste em calar essas práticas em uma tentativa de contê-las e eliminá-las. Esse processo acaba gerando sentimentos de solidão nos homossexuais, na medida em que perdem o seu apoio social pois não podem falar sobre o assunto.

Silva (2017) exemplifica essa questão em sua pesquisa, trazendo o caso de um garoto que sofria *bullying* na escola por ser gay, mas não podia contar aos seus pais, pois o assunto era proibido e isso acabou gerando sentimentos de isolamento e vazio existencial. Soliva et al. (2020) também identificaram uma característica em comum entre os relatos dos jovens entrevistados que foi a falta de assistência familiar para lidar com questões que envolviam violências homofóbicas.

Por outra perspectiva, Perucchi, Brandão e Vieira (2014) mostraram que, se por um lado, existe a prática do silêncio, por outro, existe uma super valorização de parentes heterossexuais em detrimento do parente homossexual, trazendo à tona um comportamento que não ocorria antes da revelação da sexualidade. Isso comprova o fato de que a família, embora pratique a evitação e o silenciamento, também tenta a todo custo mostrar que estão cientes do assunto e fazem questão de que o filho vivencie essa diferença na prática, em uma tentativa de mudar quem eles são através da própria comparação acerca de como são tratados.

Também foram encontrados, em três dos artigos analisados (MATA et al., 2018, SOLIVA et. al, 2020, BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022), uma tentativa de conversão da sexualidade através de figuras religiosas e/ou da saúde. Ou seja, famílias que utilizavam do discurso religioso para fomentar práticas de preconceito e que chegavam a chamar padres ou pastores para conversar com o filho, como se os mesmos pudessem exorcizar aquele comportamento. Além disso, alguns homossexuais também foram encaminhados para

psicólogos em uma tentativa de reverter a situação. Ademais, Soliva et al. (2020) trazem também o exemplo de uma família que levou o filho para o endocrinologista para que fizesse uma bateria de exames para investigar o que havia lhe acometido. Ou seja, há aí uma necessidade de culpabilização da homossexualidade, como se houvesse alguma razão que precisa ser descoberta para depois ser curada.

Uma outra consequência encontrada foi a prática de expulsar o homossexual de casa, a mesma foi localizada em quatro artigos (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014, BRAGA et al., 2018, LEITE et al., 2019, MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018). Essa ação mostra o quão intolerantes se tornam essas famílias, pois “nos remete a pensar que antes da revelação, o sujeito é parte do núcleo familiar, posteriormente torna-se um completo estranho” (MARTINS; GUEDES; MULLER, 2018, p. 10), evidenciando, assim, o quão fácil é se afastar de um filho, cuja convivência se dá desde que foi gerado, apenas por não aceitar e não conseguir conviver com a sua sexualidade.

Segundo Hammes (2013), brigas e abandono familiar são traumáticos e coloca a pessoa em vulnerabilidade, entretanto, quando esse abandono se dá com um menor de idade ou jovem que ainda esteja em fase de escolarização, os danos são bem maiores pois, muitas vezes, esses indivíduos não têm meios financeiros de se manterem sozinhos e acabam perdendo alguns direitos que teriam se continuassem morando com suas famílias pois acabam tendo que dar conta de trabalhar e terminar os estudos, não sobrando tempo e dinheiro para cuidar da saúde e do lazer, assim como, por outro lado, podem buscar e vivenciar afeto e aceitação por meio de outras pessoas, através da construção de novas relações. Ou seja, homossexuais, desde muito cedo, acabam tendo que construir redes de resistência e políticas de sobrevivência para lidarem com essas adversidades (SEDGWICK, 2007).

Em relação às consequências da homofobia familiar vividas pelos homossexuais em resposta a essas situações, pode-se destacar, em primeiro lugar, a perda ou o medo da perda de apoio social ou quando essa rede de apoio se torna os próprios amigos, fato encontrado em quatro artigos (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014; SOLIVA et al., 2020; SOLIVA, 2010; TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013). Perucchi, Brandão e Vieira (2014) salientam que as redes de apoio social envolvem todas as relações dos indivíduos e podem tanto promover o bem-estar como também desenvolver mal estar e adoecimento. Em sua pesquisa, as autoras perceberam que as famílias serviram para desencadear processos de adoecimento mental, sendo necessário que o homossexual buscasse apoio em sua rede de amigos, porém, essas

redes também se mostraram escassas, tendo em vista que o apoio necessário não teria condições de surgir nessas relações de amizade, mostrando assim, a dificuldade que o homossexual se depara para conseguir fazer parte novamente de um grupo, onde se sinta aceito e acolhido em todas as esferas em que necessita.

Uma outra resposta produzida pelos homossexuais face a essa homofobia, foi a escolha, por eles, de cursos universitários e/ou de vestimentas que os fizessem parecer mais heterossexuais e, portanto, mais aceitos socialmente (SOLIVA et al., 2020; BRAGA; RIBEIRO; CAETANO, 2022). Soliva et al. (2020) trazem o exemplo de um jovem que escolheu um curso universitário de exatas pois acreditava que cursá-lo o faria mais homem, entretanto, acabou sofrendo muita violência verbal por parte dos colegas e desistiu do curso. Sendo assim, ao invés de cursar o que realmente queria, decidiu ir para a área da saúde, pois com a possibilidade de migrar para o curso de medicina, ele foi apoiado por sua mãe, que até então tinha apenas o ignorado, mas a expectativa de ter um filho médico fez com que ela mudasse de atitude. Ele, inclusive, relata que foi o único momento que sentiu sua mãe próxima, ou seja, essa situação mostra que, muitas vezes, nessa tentativa de ser aceito, o homossexual pode vir a mudar suas principais escolhas de vida, tomando rumos que não tomaria se a situação fosse outra.

Em alguns casos, surge a necessidade no homossexual de buscar autonomia e independência financeira para sair da situação de homofobia familiar (TOLEDO; TEIXEIRA FILHO, 2013). Os autores trazem relatos que mostram famílias que utilizam do discurso financeiro para coagir os filhos a fazerem o que eles querem, ou seja, falam que, por estarem sob o seu próprio teto e vivendo do seu dinheiro, precisam seguir certas regras impostas. Em virtude disso, muitos homossexuais acabam tomando a decisão, ou sendo coagidos a tomá-la, de buscar um emprego e sair de casa. Portanto, é comum que homossexuais se afastem de seus familiares quando conquistam sua independência material.

Quando o sofrimento advindo da homofobia familiar é muito intenso, alguns homossexuais podem chegar a ideação suicida e/ou tentativas de suicídio (BRAGA et al., 2018; SOLIVA et al, 2020). Soliva et al. (2020, p. 262) trazem o relato de um jovem que pensou em tentar suicídio, mas não o fez pois não queria dar a sua mãe aquilo que ela realmente desejava, ou seja “esta possibilidade só foi revista à luz da ideia de que sua morte poderia facilitar a vida de sua mãe, coisa que ele não queria fazer”. Esse relato mostra a rede

de conflitos que existem nessas relações a ponto de mexer com noções e vontades acerca da própria existência.

Ao contrário do que foi mostrado até o momento, por se tratar de uma homofobia familiar, existem ainda muitos homossexuais que não a reconhecem como uma forma de violência, justamente por vir de familiares e pessoas íntimas, ou seja, surge a noção de uma homofobia disfarçada de cuidado (COELHO; BARROS, 2021) pois, muitas vezes, a violência é praticada em nome da proteção e do amor. Talvez por esse motivo, haja poucas citações sobre as consequências dessa homofobia na saúde mental, pelo fato dos próprios homossexuais não reconhecerem certos sintomas como sendo ocasionados pela homofobia familiar.

Além disso, Perucchi, Brandão e Vieira (2014), trouxeram em sua pesquisa a reflexão de que, embora a maioria dos jovens tenham citado casos de discriminação vivenciados pelos familiares em relação a sua sexualidade, nem sempre eles identificam essas situações como discriminatórias e violentas, ou seja, esses indivíduos tendem a aceitar o sofrimento que é recebido de maneira naturalizada, além de que, acabam sentindo necessidade de explicar e defender o comportamento desses familiares.

Diante do exposto até aqui e a partir de todas as características que foram citadas, percebe-se que a homofobia familiar trata-se de uma homofobia que tende a um controle mais direto sobre os sujeitos, ou seja, geralmente se apresenta na forma de uma tentativa de vigilância, alinhamento e correção desses corpos onde a norma é enfatizada através de questões como a heterossexualidade compulsória, a misoginia e o sexismo. Além disso, a prática desse tipo de homofobia está envolvida em sentimentos como frustração, amor, ódio, luto e necessidade de proteção, podendo chegar aos sujeitos de maneira mais velada, ou seja, disfarçada de cuidado (COELHO; BARROS, 2021).

Além disso, é necessário que haja mais discussões que busquem sintetizar todas essas ideias em seus debates, a fim de se ter uma melhor compreensão do fenômeno da homofobia familiar. Como também, é importante que existam espaços para que esses homossexuais possam falar sobre suas questões para além da família, através da criação de políticas públicas e de uma parceria com as escolas, por exemplo.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tudo que foi exposto, percebe-se que, no geral, as pesquisas nem sempre têm tido uma preocupação com a caracterização dos indivíduos entrevistados, gerando, portanto,

algumas lacunas na compreensão do fenômeno, assim como, impedindo certas comparações e inferências que poderiam ser bastante úteis.

Identificamos também que em relação às definições de homofobia, a maior parte das pesquisas trazem para a discussão os conceitos de Borrillo (2021). Já em relação ao conceito de homofobia familiar, percebe-se que o mesmo aparece com bem menos frequência nos estudos, sendo, principalmente, tomado como referência principal as ideias de Schulman (2010).

Além disso, de uma maneira geral, os referenciais que se usam para discutir a própria homofobia se baseiam em tópicos como heteronormatividade hegemônica, misoginia e sexismo e são entendidos como questões que estão no imaginário social e que servem de teor para fomentar práticas homofóbicas.

Ademais, as principais motivações diretas encontradas para a prática da homofobia familiar foram a religião, a quebra de expectativas em relação ao filho esperado e o uso dos discursos científicos como forma de validar a homofobia, além da influência estrutural da heteronormatividade compulsória.

Em relação às consequências e as formas pelas quais a homofobia familiar se expressa, foram encontrados fatores como: humilhações, chantagens, ameaças, violências verbais e físicas, expulsão de casa, como também, uma forte vigilância, controle e tentativa de correção desses corpos. Além disso, uma outra consequência importante, encontrada na maioria dos artigos, foi a prática de invisibilização da sexualidade e/ou do homossexual. Ou seja, essas questões, além de serem consequências da homofobia, elas também são a própria forma de manifestação da homofobia. Ou melhor, são maneiras de pôr em prática o preconceito e a violência.

Já no que diz respeito às consequências vivenciadas pelos próprios homossexuais em resposta a esses fatores, percebeu-se uma perda de suporte social, mudanças no estilo de vida para se adequar às normas e resgatar o apoio familiar, necessidade de busca de autonomia e independência financeira e o não reconhecimento da homofobia familiar como uma forma de violência. Além disso, percebeu-se que a saúde mental não é muito citada, apenas quando se trata de questões como ideações suicidas e tentativas de suicídio.

Sendo assim, se faz importante que os próximos estudos nessa área abarquem melhor a caracterização dos sujeitos entrevistados para que possam ser feitas inferências, comparações e análises mais apuradas, permitindo assim, uma melhor compreensão do objeto de estudo.

Além disso, é necessário também pesquisas que possam explicitar as consequências psicológicas encontradas nas pessoas que vivenciaram a homofobia familiar, a fim de analisar o quanto esse fenômeno afeta a saúde mental dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, B. R. S. N.; CARVALHO, I. A. F.; NASCIMENTO, E. T.; CAVALCANTE, J. C. D. Invisibilidade Lésbica e a Interseccionalidade de Opressões. In: **18º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste De Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR**, Recife - PE. Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste - REDOR. Recife - PE: EDUFRPE, p. 3008-3024, 2015.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BRAGA, I. F.; OLIVEIRA, W. A. D.; SILVA, J. L.; MELLO, F. C. M.; SILVA, M. A. I. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem-REBE**, v. 71, suppl 3, p. 1220-1227, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/QLcYP6GCnTkymQY8s6SwkBs/?lang=pt>>. Acesso em: 20 ago. 2022. DOI:10.1590/0034-7167-2017-0307.

BRAGA, K. D. S.; RIBEIRO, A. I. M.; CAETANO, M. R. V. Lesbofobia familiar: técnicas para produzir e regular feminilidades heterocentradas. **Pró-Posições**. v. 33, p. e20190082, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8668991>> Acesso em: 15 set. 2022.

COELHO, G. G.; BARROS, J. H. O. A Homofobia Familiar Disfarçada de Cuidado. Perspectivas em Diálogo: **Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 08, n. 17, p. 449-463, maio/ago. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/12176/9153>>. Acesso em: 15 set. 2022.

CRUZ, H. A. B.; OLIVEIRA, L. C.; ARAÚJO, R. L. M. S. Homossexuais e sofrimento psíquico - homofobia em contexto intrafamiliar. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 8, n. 3, p. 377-387, 2019. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/2538>>. Acesso em: 17 ago. 2022. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v8i3.253.

FATOR de exclusão da população LGBT é a família, diz censo. Ex-detentos são 5 anos mais jovens que a média da população de rua. Levantamento aponta que idosos passaram a viver nas ruas aos 57 anos. G1, São Paulo, 21 abr. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/fator-de-exclusao-da-populacao-lgbt-e-familia-diz-censo.html>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

FERNANDES, F. B. M. Por uma genealogia do conceito de homofobia no Brasil: Da luta política LGBT à um campo de governança. **Passages de Paris** v. 7, p. 97-104, 2012. Disponível em:

<[http://www.apebfr.org/passagesdeparis/editione2012/articles/pdf/PP7\\_artigo10.pdf](http://www.apebfr.org/passagesdeparis/editione2012/articles/pdf/PP7_artigo10.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2022.

HAMMES, B. S. “Prefiro um filho morto do que um filho viado”: algumas implicações de quando a homofobia é familiar. **PerCursos**, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 178 - 199; jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724614272013178>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256>>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LEITE, A. G.; SILVA, J. R. P.; MISSIATO, H. M.; MISSIATTO, L. A. F. Percepção de homofobia familiar e social de homoafetivos do município de Cacoal/RO. **REVISTA GÊNERO**, v. 20, n. 1, p. 06-17, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/38484>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

MATA, N. D. S.; SILVA, M. H.; DOMINGOS, S. R. F.; JESUS, M. C. P.; MERIGHI, M. A. B. Adolescentes homossexuais e suas relações com familiares: estudo fenomenológico. **ONLINE BRAZILIAN JOURNAL OF NURSING**, v. 16, n. 4, p. 409-419, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/directbitstream/f08a9979-3650-4ee8-a7ca-e278de410905/MERIGHI%2C%20M%20A%20B%20doc%20196e.pdf>>. Acesso em 28 nov. 2022.

MARTINS, A.; GUEDES, J.; MULLER, R. F. Revelação da homossexualidade masculina: impactos no relacionamento familiar. **Psicologia.pt. O Portal dos Psicólogos**. ISSN: 1646-6977. 2018. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0455.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

MONTEIRO, L. F. Psicologia e Sexualidade: Rompendo com saberes, construindo práticas. In: POCAHY, F. (Org.). **Rompendo o silêncio: Homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Políticas, teoria e atuação**. Porto Alegre: Nuances, 2007.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. A revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, v. 26, n. 3, p. 1527-1541, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2018000300014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2018000300014&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 15 out. 2022. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>.

OLIVEIRA, J. M. D., MOTT, L. **Mortes violentas de lgbt+ no brasil. relatório do grupo gay da bahia**. Bahia: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.

PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**. Natal, v. 19, n. 1, p.67-76, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epsic/a/hmnDL9rQSLJyQxfNgmsp9dq/?lang=pt>>. Acesso em: 01 set. 2022.

PRADO, M. A. M. Prefácio. In: BORRILLO, D. **Homofobia: História e Crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

RIOS, R. R. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: POCAHY, F. (Org.). **Rompendo o silêncio: Homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea**. Políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

QUASE metade dos homens gays sofre homofobia familiar no Natal, diz estudo. UNIVERSA UOL, São Paulo, 25 dez. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/25/quase-metade-dos-homens-gay-s-sofre-homofobia-familiar-no-natal-diz-estudo.htm>. Acesso em: 11 nov. 2022.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática da literatura X revisão narrativa. **Acta Paul Enferm.**, v. 20, n. 2, p. V-VI, 2007. Disponível em: <https://acta-ape.org/en/article/systematic-literature-review-x-narrative-review/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

SANTANA, J. D. L.; FIRMINO, V. S.; ROLIM, N. P. F. A.; NASCIMENTO, A. R. S. Homofobia Familiar: núcleo discriminatório da população lgbt. **Rev. Interdisciplinar em Violência e Saúde - Cajazeiras, PB**, v. 1, n. 1, jan./dez.2018. Disponível em: <https://editoraverde.org/portal/revistas/index.php/revis/article/view/35>. Acesso em 01 ago. 2022.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 28, p. 19–54, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SILVA, J. C.. Entre a afetividade e a homofobia familiar: histórias de jovens gays em suas tessituras familiares. In: **XI Encontro Regional Nordeste de História Oral**. Fortaleza. Anais do XI Encontro Regional Nordeste de História Oral, 2017. Disponível em: [http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494027098\\_ARQUIVO\\_ENTREAFETIVIDADEEAHOMOFOBIAFAMILIAR.pdf](http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494027098_ARQUIVO_ENTREAFETIVIDADEEAHOMOFOBIAFAMILIAR.pdf). Acesso em: 28 nov. 2022.

SOLIVA, T. B. Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. In: **Congresso Internacional Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos**. Florianópolis. Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 9 - Diásporas, diversidades, deslocamentos, v. xx. p. 01-12. 2010. Disponível em: [http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278084309\\_ARQUIVO\\_FAMILIAEHOMOSSEXUALIDADE.pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278084309_ARQUIVO_FAMILIAEHOMOSSEXUALIDADE.pdf). Acesso em 28 nov. 2022.

SOLIVA, T. B.; DA SILVA, D. Q.; SILVA, M. V. S. S.; DAMASCENO, M. V. N. Sofrimento, família e homossexualidade: Um estudo com estudantes universitários do Recôncavo da Bahia. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 248–267, 2020. DOI: 10.9771/cgd.v6i4.39128. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/39128>>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SOUZA, D. C.; RIBEIRO, I. S. . Reflexões sobre relações familiares em que há a presença de filhos homossexuais. In: VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade/III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, 2018, Rio Grande. **Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade**. Rio Grande: Editora da FURG. v. 1. p. 470-477. 2018.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S. Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672013000300005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000300005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 25 nov. 2022.

TOLEDO, L. G.; TEIXEIRA FILHO, F. S. Laços de família e segredos (sexuais) compartilhados: narrativa de história de vida de uma jovem dissidente em uma família homofóbica. **BAGOAS - ESTUDOS GAYS: GÊNEROS E SEXUALIDADES**, v. 8, n. 11, p. 121-142, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127081>>. Acesso em: 15 out. 2022.

VENTURI, G.; BOKANY, V. **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.